



APAGAMENTO DA FRICATIVA GLOTAL PÓS-VOCÁLICA NA VARIEDADE LINGUÍSTICA POTIGUAR

DELETION OF THE GLOTTAL FRICATIVE POSTVOCALIC
IN THE POTIGUAR LINGUISTIC VARIETY

Cid Ivan da Costa Carvalho¹

Universidade Federal Rural do Semiárido

Moisés Batista da Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise variacional da fricativa glotal /h/ pós-vocálica na variedade potiguar. Observamos as ocorrências dessa consoante no Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e as codificamos para o cálculo estatístico no sistema *Goldvarb X*. O fator linguístico da tonicidade não é relevante para a compreensão do fenômeno do apagamento, porém o fator social de gênero/sexo confirma que as mulheres são mais sensíveis ao uso de vocábulos padrão e que os falantes entre 18 a 32 utilizam com menor frequência o apagamento.

Palavras-Chave: Variedade Potiguar; Fricativa Glotal; Apagamento; *Goldvarb X*.

¹ cidivanc@ufersa.edu.br

² falamoises@gmail.com

Abstract: *This paper presents a variational analysis of the glottal fricative /h/ post-vowel in the Potiguar variety. We observed the occurrences of this consonant in the Linguistic Atlas of the Midwest Potiguar and coded them in order to calculate statistically in the Goldvarb X system. The linguistic factor of the stressed syllable is irrelevant to understand the deletion phenomenon, but the social factor of gender/sex confirms that women are more sensitive to the use of this linguistic pattern and speakers between 18 to 32 years use less frequently the deletion.*

Keywords: *Potiguar Variety; Glottal Fricative; Deletion; Goldvarb X.*

INTRODUÇÃO

A pronúncia do “R forte” /r/³ em posição pós-vocálica mostra elevado grau de polimorfismo. Esse fenômeno se verifica não só na língua portuguesa, mas em quase todas as línguas. Como exemplo de pesquisa para o inglês, podemos destacar o trabalho detalhado que Labov (1972) faz sobre a pronúncia dessa consoante e, para o português, há também bons estudos que destacam o apagamento nessa posição silábica.

O famoso estudo de Labov (1972)⁴ da pronúncia do /r/ na língua inglesa falada nas lojas de Nova Iorque apresenta uma investigação ao mesmo tempo do *status* social dos falantes e da posição da vibrante dentro da palavra, seja em posição medial ou final. Ele classificou os informantes em três categorias: aqueles cujos registros exibem somente o /r/; aqueles cujos registros apresentam ao menos um /r/ e um apagamento /0/ e aqueles cujos registros mostram somente o apagamento /0/. Esse trabalho mostra nitidamente a estratificação no uso da vibrante em diferentes classes sociais e a mudança de estilo em direção a um uso mais elevado da variante em estilo monitorado.

Já outros estudos para o português brasileiro destacam o apagamento dessa consoante em final de palavra. O estudo de Callou, Moraes e Leite (1998) focaliza o apagamento do /r/ em posição final do vocábulo na fala culta do Rio de Janeiro, verificando-se as ocorrências que mostram um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica nessa variedade. Ramos *et al* (2014) e Oliveira (2001) abordam o apagamento do /r/ em posição final externa ou final de vocábulo, na fala maranhense, sendo que o primeiro estuda essa consoante na cidade Itaituba e o segundo acrescenta que o fenômeno de apagamento das variantes encontradas para o /r/ final de vocábulo parecem caracterizar um processo de posteriorização e fricativização, pelo qual passa essa variável, que culmina com o apagamento desse fonema nesta posição.

No entanto, este trabalho trata do apagamento da fricativa glotal /h/ em posição pós-vocálica medial na fala da variedade linguística potiguar. Os segmentos que preenchem a posição de coda são mais suscetíveis ao fenômeno do apagamento, seja na posição medial ou final da palavra.

Na variedade linguística potiguar, esse fenômeno se apresenta em ambas posições. Baseando-se no questionário fonético-fonológico do *corpus* do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar, podemos dizer que a fala potiguar já consagrou, de certa forma, o apagamento dessa consoante em posição final, ou seja, não ocorre variação entre a presença e a ausência dela

³ Utilizaremos o símbolo /r/ para representar a vibrante múltipla, o símbolo /r̄/ para a vibrante simples e o símbolo /h/ para a fricativa glotal surda, como apresenta Silva (2014).

⁴ Texto traduzido para o português pela editora Parábola. Veja na referência.

em final de palavra. Todavia, há variação dessa consoante em coda medial.

Considerando esse fato, apresentamos um estudo sociolinguístico que utiliza dados estatísticos para compreender melhor o fenômeno do apagamento na fricativa glotal em posição medial na fala potiguar. O controle dos dados é feito pela escolha de uma variável linguística e por grupos de fatores linguísticos e sociais.

Identificamos três fatores condicionantes que podem influenciar a escolha na ausência dessa consoante: a tonicidade da sílaba, o gênero/sexo dos falantes e a faixa etária dos indivíduos.

Este trabalho está dividido em quatro partes: a primeira apresenta os conceitos sociolinguísticos sobre variedade, variação, variante e variável linguísticas; a segunda fornece os conceitos fonológicos que são necessários à compreensão do apagamento de consoante pós-vocálica como, a estrutura silábica, tonicidade e contexto fonológico; a terceira mostra os procedimentos metodológicos que foram realizados como, a escolha do *corpus*, a explicitação dos grupos de fatores linguísticos e sociais, as variáveis dependente e independente e o *Goldvarb X*, sistema estatístico utilizado para rodar os dados linguísticos; e a última parte expõe a análise dos dados estatísticos em forma de tabelas e apresenta os resultados obtidos.

1 VARIABILIDADE LINGUÍSTICA

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 108) propõem que a língua seja definida como um sistema heterogêneo ordenado, ou seja, ela é vista como um “conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes”. Para eles, essa definição tem como pressuposto básico estudá-la nos aspectos das variáveis linguísticas e sociais. Isso implica nos conceitos de variedade, variação, variante e variável linguísticas.

Bagno (2007, p. 57) afirma que “uma variedade linguística é o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica”. A afirmação desse autor remete ao fato de que, os indivíduos falantes de uma mesma língua apresentam formas peculiares de expressá-la. Essas formas variam no tempo, no espaço, no nível social, etc. Com base nisso, pode-se dizer que uma pessoa idosa pode apresentar aspectos da fala que são diferentes da fala de um jovem, pois alguns termos e expressões linguísticos usados por aquela já não são utilizados por este; pode-se afirmar que pessoas da mesma faixa etária utilizam formas diferentes, pelo simples fato delas morarem em regiões diferentes do país; e, além disso, pode-se constatar que indivíduos de classe alta falam diferentes dos indivíduos de classe média.

A *variação linguística* não é um fato aleatório e irregular. Em cada língua, existem formas linguísticas em alternância que determinam uma comunidade linguística e que, no mesmo período de tempo, se encontra em variação. Nas palavras de Coelho *et al* (2015), a variação é um processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial e representacional. Ela não compromete o funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. Um fenômeno em variação bastante perceptível no português brasileiro é o da alternância entre a oclusiva linguodental [t] e a africada [tʃ] antes da vogal alta anterior [i]. Se atentarmos para o uso dessa variação, perceberemos que, dependendo da origem de uma pessoa ou do grau de formalidade com o qual ela nos trata, podemos ouvi-la pronunciar [tia] ou [tʃia], por exemplo.

Esse conceito de variação linguística estabelece a distinção entre as *variantes* e as

variáveis linguísticas. As primeiras são formas individuais que disputam pela expressão da variável, ou seja, são formas linguísticas que representam uma das alternativas possíveis em determinado *contexto*; formas diferentes de dizer a mesma coisa. Coelho *et al* (2015, p. 17) apontam dois requisitos para identificação de uma variante: “Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto e elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional.” A oclusiva linguodental surda [t] ocorre em variação no contexto de uso da variedade linguística potiguar antes da vogal posterior reduzida. Pereira (2007) diz que esse som ocorre como variante africada [tʃ] decorrente de contextos em que se tem presente o segmento [tʊ] no final de palavra, tendo como antecedentes os ditongos orais ou nasais [ej] ou [uj], respectivamente, nos demais contextos não ocorre essa variação.

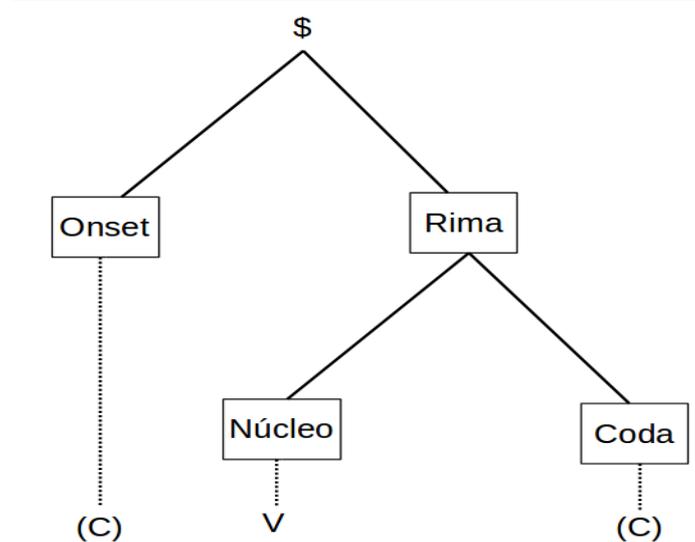
Porém, o uso dessa consoante como sendo uma oclusiva linguodental [t] ou consoante africada [tʃ] está em função dos fatores linguísticos, ou seja, se o segmento é precedido ou não por aqueles ditongos – e dos fatores sociais – pelas escolhas dos fatores - como gênero/sexo, idade, *status* social, grau de instrução, etc. Temos, então, duas *variáveis linguísticas* que se constituem como “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra.” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 105, 116), e que “o valor da variável é determinado por diversos fatores sociais e linguísticos”. Podemos exemplificar com o uso da palavra “jeito” que varia de um falante para outro. Dependendo da escolha, o indivíduo emite essa palavra como [ˈʒejtʃu] ou como [ˈʒejtu] que são variantes linguísticas, as quais possuem o mesmo valor e função para o contexto.

Esses quatro conceitos mencionados acima - variedade, variação, variante e variável linguísticas - nos orientam para o fato da variação linguística da fricativa glotal [h] em posição pós-vocálica, na variedade potiguar, podem ter diferentes realizações fonéticas que se alternam no mesmo contexto linguístico, devido a fatores linguísticos e sociais presentes nesse dialeto.

2 SÍLABA, TONICIDADE E CONTEXTO SEGUINTE

Na teoria autosegmental, a sílaba é composta de *onset* e *rima* e, esta, se divide em *núcleo* e *coda*, (ver Silva, 2014). Como mostra a figura 01, a seguir, o padrão silábico se estrutura da seguinte forma: as consoantes, que vem antes da vogal, são lincadas para o nó do *onset* e o restante do material seguindo o nó da rima. Uma rima contém, obrigatoriamente, um núcleo e, opcionalmente, uma coda. A sílaba é tida como pesada, se e somente se a rima ou o núcleo são ramificados, ou seja, as sílabas preenchidas com o núcleo e com a coda, ou com o núcleo e o glide.

Fig. 01 – Estrutura silábica



Fonte: Elaborado pelos autores

A palavra “mar” ilustra bem essa estrutura silábica, um vez que apresenta, na periferia à esquerda do núcleo, o *onset* preenchido pela consoante nasal [m] e, na periferia à direita, a coda preenchida pela consoante fricativa glotal [h], e, no centro, o pico silábico que é a vogal baixa [a]. Assim, a figura ilustra que a sílaba é “como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá redução progressiva desta força.” (SILVA, 2014, p.76). Essa redução na emissão de ar, que ocorre na coda, contribui para o fenômeno do apagamento na língua falada. Muitos falantes do português brasileiro pronunciam [ˈma] apresentando supressão do segmento pós-vocálico.

Como bem destaca Silva (2014), em todos os dialetos⁵ do português falado no Brasil, há distinção fonêmica entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /r/ em posição intervocálica. Os segmentos fonéticos vibrantes múltiplos podem ocorrer em posição pós-vocálica como uma consoante fricativa [h],[ç],[x] e [ɦ] ou retroflexo [ɻ]. Por isso, utiliza-se o arquifonema /R/ para denotar a neutralização existente no contraste desses segmentos. Assim, nessa posição, o /R/ pode ser pronunciado por um desses segmentos dependendo do dialeto, como na palavra “mar” que pode ser emitido [ˈmar], [ˈmah], [ˈmaɦ], [ˈmay], [ˈmax] e [ˈmaɻ].

Na variedade linguística potiguar, ocorre o contraste fonêmico em posição intervocálica entre o “r fraco” [r] e o “r forte” [r]. O primeiro é pronunciado como uma vibrante simples entre vogais e seguindo consoante na mesma sílaba e o segundo é pronunciado como fricativa glotal entre vogais, em início de palavra, seguindo consoante em outra sílaba e em coda medial e final.

Como foi visto acima, toda sílaba apresenta um pico silábico tônico ou átono. As sílabas tônicas são produzidas com um impulso torácico reforçado, ou seja, é audivelmente percebidas como tendo duração mais longa e sendo pronunciada mais alta do que as demais. Silva (2011, p. 211) diz que “Em geral, as sílabas tônicas são mais resistentes aos processos fonológicos que envolvem redução segmental”, como a *lenição* e o *apagamento*. O primeiro é o fenômeno de

⁵ É importante destacar que o termo *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade linguística*, ou seja, refere-se ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional (veja Coelho et al, 2015, p. 15).

enfraquecimento de um segmento consonantal que se torna mais sonoro ou menos sonoro. O segundo é o cancelamento de uma consoante ou vogal. “O apagamento de consoantes ocorre, tipicamente, nas bordas das palavras ou em encontros consonantais” (SILVA, 2011, p. 60), ou seja, no *onset* ou na coda. As sílabas átonas antecedem a tônica e são produzidas com um impulso torácico brando. “Em geral, as sílabas átonas são sujeitas aos processos fonológicos que envolvem redução segmental” (SILVA, 2011, p. 65). Assim, as sílabas tônicas são mais resistentes ao fenômeno do apagamento por ser mais audível e as pretônicas são mais “vulneráveis”, devido à emissão ser mais branda.

Além de considerar a tonicidade da palavra, deve-se observar também o contexto fonológico em que ocorre o apagamento da fricativa glotal dentro da palavra. O contexto fonológico “é constituído por um ou mais elementos que precedem ou seguem um determinado segmento da fala.” (CAGLIARI, 2002, p. 27). Um fenômeno nas variedades faladas no Brasil que exemplifica muito bem a ideia de contexto é o fenômeno da nasalidade em que ocorre quando uma vogal tipicamente oral é seguida por uma das consoantes nasais /m/, /n/ ou /ɲ/, como nas palavras “cama” [‘kãma], “cana” [‘kãna] e “manhã” [mã’lã], ou seja, as vogais recebem o traço de nasalização quando estão nesse contexto. Na fala, é possível alguns sons se modificarem ou se apagarem por força do ambiente ou contexto em que se encontram. Desse modo, como hipótese, estabelecemos que o contexto seguinte da consoante glotal pode influir sobre o apagamento dessa variante, isto é, pode influenciar no apagamento da fricativa glotal.

Tomando por base os fenômenos linguísticos do contexto vocabular – tonicidade – e do contexto fonológico seguinte, observaremos a presença ou apagamento da fricativa glotal /h/em posição de medial. Tendo em mente que a posição pós-vocálica é mais débil da estrutura silábica e bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra (PEDROSA e HORA, 2007).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

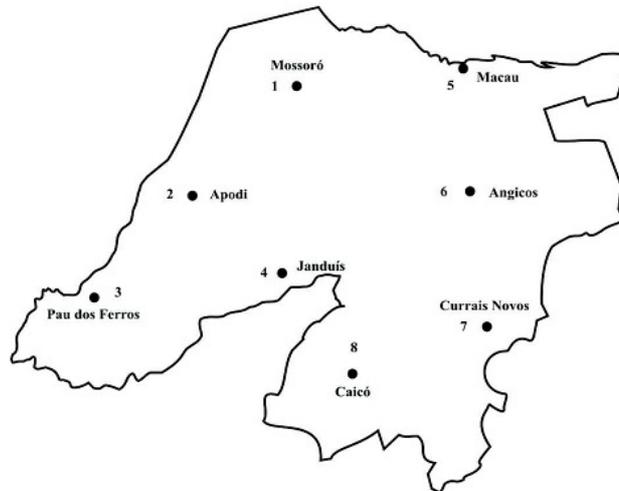
Os subtópicos a seguir detalham sobre o Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar do qual extraímos os fatores sociais e linguísticos e sobre as variáveis dependentes e independentes.

3.1 O corpus e os fatores sociais e linguísticos

Segundo Silva (2012), o *Atlas Linguístico do Centro-Oeste potiguar* foi construído a partir da identificação das variáveis sociolinguísticas diastrática, diassexual e diageracional dos fenômenos fonéticos e lexicais e da descrição da realidade do português do Centro-Oeste Potiguar.

Considerando os dados socioeconômicos e culturais particulares da região pesquisada, esse autor selecionou oito pontos de inquéritos: quatro da Mesorregião do Oeste Potiguar (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Janduí) e quatro da Mesorregião Central Potiguar (Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó), como mostra a figura abaixo.

Fig. 02 - Mapa da Região Centro-Oeste Potiguar



Fonte: Silva (2012, p. 139).

A escolha dessas cidades teve por critério a importância dos aspectos demográficos, históricos, geográficos, políticos, econômicos e culturais e a influência delas sobre os outros municípios da região. Adotou-se, também, o critério da equidistância aproximada. Ou seja, todas as localidades foram distribuídas de uma maneira que abrangesse todo Centro-Oeste Potiguar, com uma distância entre elas, de pelo menos, 70 km.

Para a realização da pesquisa de campo, foram selecionados 32 informantes, levando em conta: a) *gênero/sexo*: para cada ponto, foram entrevistados dois homens e duas mulheres (um homem e uma mulher de cada geração), fazendo um total de 4 informantes por localidade; b) *faixa etária*: foi distribuída em duas gerações: G1 (geração de jovens de 18 a 32 anos) e G2 (geração de adultos de 48 a 62 anos). Em cada ponto, foram selecionados dois informantes da G1 e dois da G2; c) *escolaridade*: foram escolhidos os informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental.

As alíneas a e b constituem os dois fatores sociais que influenciam na escolha da forma marcada com o apagamento da fricativa glotal. A presença desses fatores tenta responder as seguintes perguntas: que gênero/sexo usa com maior frequência o apagamento da fricativa glotal em posição pós-vocálica? Qual(is) faixa(s) etária(s) mencionadas acima está(ão) mais propensa(s) a usá-lo na fala? Como todos os informantes se encontram no mesmo nível escolar, o fator escolaridade não foi considerado relevante para o estudo.

Para todos esses informantes, foram aplicados dois questionários (fonéticos e semântico lexical) com o objetivo de coletar dados, possibilitando, assim, a elaboração das 147 cartas linguísticas (84 léxicas e 63 fonéticas). Os questionários fonéticos fonológicos apresentam a legenda das variantes linguísticas transcritas com base no Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com um número reduzido de sinais e diacríticos, e os gráficos mostram a frequência das variantes em cada carta.

A partir do levantamento dos dados desse *corpus*, estabelecemos, também, os padrões que revelam alguns comportamentos na variedade linguística potiguar, no que se refere ao uso da fricativa glotal. O apagamento dessa consoante em posição pós-vocálica medial ocorre nas

sílabas tônicas e pretônicas e, geralmente, está relacionada à presença ou a ausência de uma fricativa no *onset* da sílaba seguinte.

Considerando esse padrão linguístico encontrado, selecionamos uma amostra das cartas fonéticas, que apresentam as transcrições fonéticas dos trinta e dois informantes, perfazendo um total de, aproximadamente, duzentas e cinquenta ocorrências da variável linguística; e separamos a mesma quantidade para os fatores linguísticos e sociais.

Dessa forma, poderemos perceber se o apagamento da fricativa glotal ocorre com maior frequência em sílaba tônica ou pretônica e se esse fenômeno ocorre quando o segmento seguinte é uma fricativa ou não. Com esse fator, pretendemos responder a seguinte pergunta: o apagamento da fricativa glotal em posição medial ocorre com mais frequência em posição tônica ou pretônica?

Por isso, os dados que foram extraídos do *corpus* permitem inferir a probabilidade de que aquela amostra se repita (ou replique) em um universo maior, ou seja, podemos fazer inferências estatísticas a partir dos dados. Daí surge a necessidade de um postulado bem definido que expresse com clareza a pesquisa.

Como veremos no próximo subtópico, as variáveis independentes – tonicidade da sílaba, gênero/sexo e faixa etária do falante – são concebidas como capazes de influenciar a variável dependente – a presença e ausência da fricativa glotal em posição medial.

3.2 Variáveis dependente e independente

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107, 116) dizem que uma “variável tem de ser bem definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística” e que “A evidência quantitativa para a *covariação* entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural”. Desse modo, definimos que as entradas lexicais contêm a forma completa com a fricativa glotal [h] em posição pós-vocálica e que os itens que omitem esse segmento na superfície são o resultado de uma regra variável de apagamento que pode ser expressa pela seguinte regra:

$$h \rightarrow \emptyset / V_ \$.$$

Onde o valor especificado à esquerda da seta [h] corresponde à entrada da regra, à presença da fricativa glotal, postulada como sendo a forma correspondente a *não aplicação da regra*; a seta representa a aplicação da regra; o \emptyset (zero fonético), entre colchetes angulares, corresponde à saída da regra, à ausência da consoante glotal, postulada como sendo a forma correspondente a *aplicação da regra*; e a (/) especifica o contexto em que a regra é aplicada, ou seja, no contexto pós-vocálico.

Nesse modelo binário, “a variável dependente é tratada em termos das probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa” (GUY e ZILLES, 2007, p. 141). No caso analisado aqui, dizemos que a análise do fenômeno é tratada em termos de frequência e probabilidade de ocorrer o apagamento da fricativa glotal pós-vocálica em posição medial, considerando as variáveis independentes apresentadas acima, como o fator linguístico da tonicidade e os fatores sociais do gênero/sexo e da faixa etária.

Assim, temos que as variáveis definidas no subtópico anterior foram codificadas para análise estatística na ferramenta computacional *Goldvarb X*, sistema que faz a análise quantitativa dos dados linguísticos; rotulando-as com os seguintes códigos: 1) para a variável dependente (ou de controle), foram utilizados os códigos “01”, onde o “1” corresponde à

presença da fricativa glotal e o “0” corresponde a não presença; 2) Para as variáveis independentes, foram utilizados os códigos: a) para a tonicidade, o código “tp” – onde o “t” representa que o fenômeno do apagamento ocorreu na sílaba tônica e o “p” representa que o fenômeno ocorreu em posição pretônica, b) para o gênero/sexo, as letras “hm”, onde a letra “h” representa o sexo masculino e a letra “m” representa o sexo feminino do falante, e o c) contém o fator da faixa etária “gG” - onde a letra “g” refere-se à faixa etária de 18 a 32 e a letra “G” maiúscula refere-se à faixa etária de 48 a 62. Após a codificação das ocorrências no *corpus* para o fenômeno aqui analisado, inserimo-la, no editor de textos do *Goldvarb*, para verificar a correta correspondência entre os fatores e a codificação, antes de realizarmos as rodadas estatísticas.

Ressaltamos que todos os passos que um estatístico realizaria para fornecer as informações necessárias para a geração dos dados estão sintetizadas em forma de algoritmos no *GoldvarbX*, de modo que o fenômeno social é tratado por meio da codificação. Esse sistema aborda a Análise Multivariada, ou seja, leva em conta, simultaneamente, múltiplas variáveis, realizando um “cruzamento” entre elas – verificando-as como mais ou menos significativas para o estudo.

No tópico a seguir, as tabelas apresentam as principais dados obtidos em relação aos grupos de fatores linguísticos e sociais, exibindo os percentuais e dos pesos relativos da pesquisa. Cada um dos fatores representa uma hipótese de possíveis efeitos sobre o apagamento da variante fricativa glotal /h/, ou seja, sobre a aplicação da regra variável.

4 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

As tabelas a seguir apresentam os dados obtidos em relação aos grupos de fatores linguísticos e sociais quanto aos percentuais e aos pesos relativos. Cada tabela mostra: o grupo dos fatores, o número de apagamento da fricativa glotal para fator, o total de ocorrência do fator em relação ao total geral, o percentual com base na divisão da quantidade e do total de ocorrência e o peso relativo. A quantidade dos dados analisados é obtida através da soma dos totais entre os fatores que corresponde a duzentas e cinquenta e uma (251) ocorrências.

Os pesos relativos de cada fator indica a probabilidade de realização de ocorrer o apagamento da fricativa glotal. Esses pesos relativos variam numa escala de 0,0 a 1,0, para cada fator, dentro dos grupos de fatores, e a soma do peso é calculada em relação à aplicação. Além disso, quando o peso relativo é maior do que 0,50, significa que o fator favorece ao fenômeno do apagamento; quando é menor que este valor, significa que o fator não favorece a esse fenômeno e quando ocorre esse valor, significa que ambos fatores estão neutros em relação a variável dependente.

4.1 Tonicidade

Na tabela abaixo, observamos que, das duzentas e cinquenta e uma ocorrências no *corpus*, foram registradas cento e vinte e seis ocorrências de sílabas tônicas e cento e vinte e cinco em sílabas pretônicas, ambas, as quais deveriam apresentar a fricativa glotal em posição pós-vocálica. O apagamento da fricativa glotal /h/ foi encontrado em 45 ocorrências de sílabas tônicas, o que equivale a 35.7%; e em 36 ocorrências desses fenômenos, equivalente a 36%.

Tabela 01 - Distribuição dos dados de acordo com tonicidade

Fator	N / total	%	Peso
Tonicidade			
Tônica	45 / 126	35.7	0,499
Pretônica	36 / 125	36.0	0,501

Fonte: Elaborada pelos autores

Esses dados mostram que os fatores tônico ou pretônico para o apagamento dessa consoante em posição pós-vocálica são valores equilibrados e poucos relevantes. Isso é evidenciado por meio dos pesos relativos que apresentam 0,499 e 0,501 para as tônicas e pretônicas, respectivamente.

No entanto, na fundamentação teórica, dizemos, com base em Silva (2011 e 2014), que as sílabas tônicas são mais resistentes ao apagamento da consoante pós-vocálica do que as pretônicas, todavia, a análise estatística do *corpus* mostrou que ambas apresentam o mesmo índice de probabilidade de ocorrência para a variedade linguística potiguar.

4.2 Gênero/sexo

A tabela a seguir mostra que foram registradas cento e vinte e oito ocorrências pelos homens e cento e vinte e três pelas mulheres. Dessas ocorrências, houve 50 ocorrências de apagamento feitas por eles, correspondente a 39.1%, e houve 40 ocorrências de apagamento feitas por elas, correspondendo a 32.5%. Observamos que a variável “homem” apresenta 0,535 de peso relativo, portanto, mais favorável ao apagamento da consoante pós-vocálica do que a “mulher,” que representa 0,465 de peso relativo.

Tabela 02 - Distribuição dos dados de acordo com o gênero/sexo

Fatores	N / total	%	Peso
Gênero/Sexo			
Homem	50 / 128	39.1	0,535
Mulher	40 / 123	32.5	0,465

Fonte: Elaborada pelos autores

Paiva (2012, p. 34) diz que o grupo homem e mulher, como fatores sociais na pesquisa sociolinguística, “apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”. Nesse caso, os dados mostram que as mulheres possuem maior consciência do *status* social no uso da fricativa glotal do que eles. Por isso, apresenta com maior frequência a forma linguística marcada com essa consoante. Isso implica em dizer que as mulheres são mais resistentes às mudanças linguísticas do que os homens.

Labov (1972) ressalta que as mulheres tendem à liderança no processo de mudança, quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança.

4.2 Faixa etária

A tabela abaixo mostra que as pessoas entre 48 e 62 anos utilizam o apagamento da glotal, 38,1%, mais do que as pessoas entre 18 e 32 anos, 33,6%. O nível de escolaridade não interfere nesses dados, visto que todos os entrevistados possuem praticamente a mesma escolaridade. Os adultos entre 18 e 32 anos são mais resistentes à mudança linguística, uma vez que o peso relativo é menor do que a outra faixa etária.

Tabela 03 - Distribuição dos dados de acordo com a faixa etária

Fatores	N / total	%	Peso
Faixa etária			
18 -32 anos	42 / 125	33.6	0,476
36 -62 anos	48 / 126	38.1	0,524

Fonte: Elaborada pelos autores

Para observar mais de perto a relação entre esses dois últimos fatores, fizemos o cruzamento dos dados entre a variável gênero/sexo com a variável faixa etária. Para esse cruzamento, consideramos a variável homem como o valor de aplicação. Desse modo, podemos emergir os padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade das correlações entre o uso de variantes linguísticas e o gênero/sexo do falante. Nessa relação, percebemos que os homens dessas duas faixas etárias apresentaram o mesmo número de ocorrência e que as mulheres entre 36 e 62 anos utilizam o apagamento mais do que as mulheres da outra faixa etária. Essa interação entre gênero/sexo e faixa etária fez sobressair o fato de que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres podem ser mais ou menos acentuadas em função da idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como temos mencionado no início, esse fenômeno se verifica não só na língua portuguesa, mas em quase todas as línguas, porém, quando se trata dessa língua, alguns estudos enfatizam o uso dessa consoante e outros destacam o apagamento nessa posição silábica. É bem verdade que o padrão silábico mais produtivo nas línguas é a forma CV e parece que os sistemas linguísticos procuram se enquadrar nesse padrão. O apagamento da coda medial na variedade linguística potiguar é exemplo disso.

Os dados mostraram que o fenômeno do apagamento dessa consoante na posição medial não depende da tonicidade, pois tanto as sílabas tônicas quanto as pretônicas apresentaram os mesmos valores aos pesos relativos. Isso implica em dizer que as tônicas não são mais resistentes ao apagamento do que as pretônicas.

O *corpus* mostrou que o apagamento da fricativa glotal surda [h], nessa posição, ainda é mais presente na fala dos homens do que na das mulheres; é vista na produção da fala de pessoas entre 36 a 62 do que na de pessoas entre 18 a 32. Quando se trata desse fenômeno, os homens lideram o processo de mudança linguística, enquanto as mulheres possuem maior resistência ao uso das formas linguísticas menos privilegiadas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah; MORAES, João e LEITE, Yonne. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA* [online]. 1998, vol.14, n.spe, pp. 00-00. ISSN 1678-460X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300006>.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.].

SILVA, Moisés Batista da. *Atlas linguístico do centro-oeste potiguar*. Tese UFC, 2012.

SILVA, Thaís Cristófaró. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercício*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEDROSA, Juliene Lopes R.; HORA, Demerval. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al. Pra mim tê uma coisa, eu tenho que trabaiá muito: o apagamento do /R/ final no português falado no Maranhão. In: RAZKY, Abdelhak et al. *Estudos sociolinguísticos do português brasileiro*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2014, p. 113-125.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. 2001. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém.

PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar : ALiPTG*. Tese UFRJ, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]